

DOMINGO, 28 DE ABRIL DE 1996

‘Não há baiano pela metade’

ACM reage a declarações de Caymmi e levanta a bandeira da baianidade

Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) decidiu deixar em paz o “mulatinho” (como chama o presidente Fernando Henrique Cardoso) e resolveu dar um puxão de orelha no mulato que anda renegando a sua própria terra:

— Caymmi, você é da Bahia e a Bahia não abre mão disso. Portanto, não se faça de trouxa. A Bahia é que lhe deu régua e compasso, se me permite o Gil.

Em entrevista ao GLOBO, Dorival Caymmi, às vésperas de completar 82 anos, disse ontem que se sente “meio carioca” e que não se adapta à Bahia de hoje. “Atualmente, não há condição de dizer que sou apenas baiano”, declarou Caymmi. Isso fez despertar em ACM a luta pela preservação da baianidade — um sentimento que só eles entendem. E, para defender isso, ACM vira bicho e revela uma face desconhecida dos que só o vêem na cena política: a do “romântico agressivo”, como um dia rotulou um amigo ao ouvi-lo cantarolando as músicas do próprio Caymmi ou as canções do Rei Roberto Carlos interpretadas por Maria Bethânia, de quem é fã.

O “romântico agressivo” — que, como bom baiano, cultiva uma eclética lista de ídolos, que inclui de Jorge Amado e Caetano Veloso a Carlinhos Brown e Netinho — quer brigar pela baianidade. “É dengo, é dengo, é dengo que o nego tem”, canta Antônio Carlos Magalhães, para depois dizer que a Bahia está magoada com Caymmi:

— Não há baiano pela metade. Caymmi é o poeta do mar, do Abaeté, de Itapoã. O tipo físico, corpo avantajado, tez morena e os cabelos e bigodes grisalhos, a manemolência... Ele é o típico baiano.

Continua na página

ANTÔNIO CARLOS: defesa veemente da chamada baianidade em contrapartida às declarações de Dorival Caymmi, que se disse “meio carioca” e incapaz de adaptar-se, hoje, a sua terra natal

Carlos Magno

